

EDUCADOR

ISSN 1984-8668
Ano XXX – Nº 119

Publicação trimestral da Convenção Batista Brasileira, dirigida a educadores religiosos, professores de EBD, estudantes e líderes em geral

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.) a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

CNPJ (MF): 39.056.627/0001-38
Registro Nº 020830 no INPI

Endereços
Telegráfico – BATISTAS
Caixa Postal: 13333
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20270-972

Editor
Sócrates Oliveira de Souza

Coordenadora Editorial
Solange Cardoso de Abreu d'Almeida
(RP/16897)

Redatora
Jane Esther Monteiro de Souza
de Paula Rosa

Conselho Consultivo
Rosane Andrade Torquato – PR
Madalena de Oliveira Molochenco – SP
Pedro Jorge de Souza Faria – RJ
Ivone Boechat de Oliveira – RJ

Produção Editorial
Oliverartelucas

Produção e Distribuição
Convicção Editora
Tel.: (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416 – Prédio 16
Sala 2 – 1º Andar – Tijuca
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
conviccao@conviccaoeditora.com.br

Colaboradores desta edição
Cloves Freitas Costa – RJ
Diná Freire Cutrim – MA
Elisângela Santos de Oliveira – PI
Elizabeth Bastos de Lima – PE
Izia Barbosa Brito de Araújo – PE
Jane Esther M. S. de Paula Rosa – RJ
Kelly de Almeida Fernandes
Sodré da Silva – RJ
Madalena de Oliveira Molochenco – SP
Maria do Socorro Sousa de
Oliveira Silva – PI
Nildo Cândido Rosa – MG
Oswaldo Luiz Gomes Jacob – RJ
Vania Regina Paiva Bastos – MS



Editorial

Cristo nos perdoou

O tema deste ano da CBB é: “Busquemos a paz com misericórdia” e, a divisa: “Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoados uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou” (Ef 4.32). O nosso objetivo como cristãos é imitar o Senhor Jesus Cristo. Ele nos perdoou, o que significa que podemos perdoar os outros. Podemos fazer isso porque a dívida foi paga. O perdão é para o nosso benefício. Nós experimentamos o perdão em proporção direta à nossa vontade de perdoar os outros. O Senhor quer que vivamos uma vida abençoada por meio dele. Não devemos deixar que essas bênçãos sejam prejudicadas por viver em amargura e ressentimento em relação aos outros.

Jesus nos ensina claramente que devemos assumir a responsabilidade para o conflito relacional que causamos. Em primeiro lugar, devemos ser reconciliados. Como podemos nos aproximar de Deus quando temos negligenciado a mágoa entre nós e outros? Deus não recebe a nossa adoração, se ele sabe que nós não temos nenhuma intenção de amar o nosso próximo. Podemos enganar outros; mas não podemos enganá-lo. Precisamos pedir a ajuda de Deus enquanto buscamos o perdão e, em seguida, procurar fazê-lo de todo o coração, porque não existem relações duradouras sem ele. Somente aqueles que foram lavados no perdão de Deus por meio de Cristo podem realmente começar a desenvolver os hábitos de um coração perdoador.

Nesta edição, a profa. Diná Freire Cutrim, no artigo “Educação inclusiva e formação de professores”, diz que a educação inclusiva demanda uma série de procedimentos e atitudes que são necessários ao atendimento dos alunos com deficiência.

A profa. Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa, no artigo “Oportunidade de transformação digital da igreja pós-pandemia”, diz que todas as igrejas precisarão de novos recursos teológicos para prosperar no futuro, sendo moldadas por essa pandemia e em resposta a ela.

No artigo “Escolhendo recursos para aprendizagem de adultos”, a profa. Madalena de Oliveira Molochenco enfatiza que, na maioria das vezes, professores de adultos não compreendem a grande oportunidade que os recursos podem proporcionar à aprendizagem de adultos.

Nos demais artigos, refletiremos sobre a Bíblia, a Palavra de Deus, além das Sugestões de Livros, do Educador em Destaque, Vale a Pena LER de Novo e muitas novidades e informações que, por certo, serão bênçãos para todos nós, leitores.

ÍNDICE

1	Expediente e editorial Cristo nos perdoou <i>Jane Esther Monteiro de Souza de Paula Rosa – RJ</i>
2	Índice
3	Educação geral Educação inclusiva e formação de professores <i>Diná Cutrim – MA</i>
9	Educação teológica Celebrando a glória do reino de Deus <i>Vânia Bastos – MS</i>
12	Educação teológica O mundo tem fome de graça <i>Kelly Sodré – RJ</i>
14	Educação cristã Escolhendo recursos para aprendizagem de adultos <i>Madalena Molochemco – SP</i>
17	Educação cristã Oportunidade de transformação digital da igreja pós-pandemia <i>Jane Esther – RJ</i>
19	Educação cristã Avaliando minha prática pedagógica na EBD <i>Izia Brito – PE</i>
22	Educação cristã Educador cristão e pastor – Uma parceria que multiplica <i>Eliszangela Santos – PI</i>
24	Educação cristã O valor da Escola Bíblica Dominical <i>Oswaldo Jacob – RJ</i>
25	Educador em destaque <i>Maria do Socorro Sousa de Oliveira Silva – PI</i>
26	Da mesa da redação
27	Para pensar A prática da bondade na nova vida em Cristo <i>Cloves Freitas – RJ</i>
28	Vale a pena LER de novo A teologia da cruz <i>Nildo Cândido Rosa – MG</i>
31	Sugestão de livros 1. Título: Celebrando a alegria – Autor: Izaías Querino 2. Título: Cristão.com – Autor: Sylvio Macri 3. Título: Os dons do Espírito Santo – Autor: Isaías Andrade Lins Filho
32	Última Palavra Educador cristão – Adaptando-se a um mundo novo <i>Elizabeth Bastos, Recife – PE</i>





Educação inclusiva e formação de professores

Refletir sobre a inclusão educacional de alunos com necessidades educacionais especiais presentes nos diversos seguimentos

A temática educação inclusiva e formação de professores objetiva refletir sobre a inclusão educacional de alunos com necessidades educacionais especiais presentes nos diversos seguimentos, seja secular ou religioso, sempre demandará professores preparados para atender as necessidades educacionais dos alunos com alguma necessidade especial específica.

Formação de professores no contexto educacional brasileiro sempre foi objeto de pesquisas, pois, a discussão em volta de sua

formação é sempre requerida quando pressupõe atender alunos com ou sem necessidades educacionais especiais. Os Documentos Nacionais que regulamentam a educação brasileira enfatizam sobre a necessidade da formação de professores, referendando o quanto esse profissional precisa de investimento formativo para realizar sua prática educacional.

No entanto, percebe-se que governos têm, de certa forma, negligenciado capacitar professores para torná-los mais eficazes em sua tarefa de ensinar. A

constatação da realidade formativa do professor que se apresenta com lacunas em muitos cenários brasileiros, acarreta um efeito cascata nos demais seguimentos, onde a presença de educandos com ou sem necessidades educacionais especiais demandará professores capacitados para atendê-los.

Diante disto, é necessário um olhar para a realidade educacional cristã em que, nós, servos do Senhor, estamos inseridos. Como as nossas crianças com necessidades educacionais especiais estão sendo atendidas

em nosso contexto? Está sendo promovida capacitação aos professores da nossa EBD, por exemplo, para facilitar a inclusão desses alunos em nossas igrejas?

Para discutir o assunto da inclusão educacional e formação de professores é necessário compreender por que estamos imersos em um contexto em que incluir todos ainda é um grande desafio, pois a nossa estrutura educacional não está devidamente adaptada para que todos sejam contemplados de fato e de direito a educação. Diante disto, trago reflexões recentes da formação de professores e educação inclusiva, baseada em minha dissertação de mestrado defendida em 2020, que considero contribuir para o entendimento da inclusão educacional, quando a formação do professor é requerida (CUTRIM, 2020).

PERCURSO FORMATIVO DA FORMAÇÃO DO DOCENTE

O percurso da formação de professor, segundo a revisão de literatura, evidencia que o legado histórico é de contraste, descaço, de poucos investimentos, dentre tantos outros fatores que corroboram para uma formação ainda por ser reconhecida como indispensável à educação de todos no sistema escolar.

NA EDUCAÇÃO BÁSICA É ONDE SE OBSERVA OS MAIORES ABUSOS E DESCASO À FORMAÇÃO DAQUELES QUE ESTÃO SENDO INSTRUÍDOS NAS PRIMEIRAS LETRAS, QUANDO SE OBSERVA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR



A falta de investimentos na formação do professor para exercer a contento a tarefa de ensinar seus alunos tem, nos estudos de Adorno, um legado de construção pejorativa, onde o professor não é visto como um profissional sério que inspire confiança no exercício do seu magistério.

Adorno (1995c), em seus escritos “Tabus acerca do magistério”, evidencia que o estigma à figura do professor tem raízes históricas que lega esse profissional a sentimentos de ódio, repulsa, descrédito e, muitas vezes, reconhecida como a menos importante das demais profissões e, ainda, “a imagem do magistério como profissão de fome aparentemente é mais duradoura do que corresponde à própria realidade na Alemanha” (ADORNO, 1995c. p. 97).

Para evidenciar a visão distorcida legada aos professores, Adorno apresenta como algumas línguas se referem ao magistério.

Outro exemplo, além do alemão, também outras línguas apresentam uma série de expressões degradantes para o

magistério; o mais conhecido em alemão é Pauker (quem ensina com a palmatória como quem treina soldados a marchar pelas batidas nos tambores); mais vulgar e também relacionado em alemão a instrumentos musicais é Steisstrommler (quem malha o traseiro); em inglês, utiliza-se schoolmarm para professoras solteironas, secas, mal-humoradas e ressentidas (ADORNO, 1995. p. 98).

De uma maneira inequívoca, quando comparado com outras profissões acadêmicas como advogado ou médico, pelo prisma social, o magistério transmite um clima de falta de seriedade (ADORNO, 1995c. p. 98). Razão por que se observa na sociedade atual desrespeito ao professor, tanto na esfera pública quanto privada. Nessa medida, conforme a percepção vigente, o professor, embora, sendo um acadêmico, não seria socialmente capaz; quase poderíamos dizer: trata-se de alguém que não é considerado um “senhor” (ADORNO, 1995c. p. 98).

Outra situação que estigmatiza o professor está na categoria de ensino. Há uma divisão entre a classe trabalhadora dos professores, em que um nível de ensino se sobrepõe a outro, desencadeando sentimentos que deveriam ser alheios à profissão de professor. “De um lado, o professor universitário como a profissão de maior prestígio; de outro, o silencioso ódio em relação ao magistério de primeiro e segundo grau; uma ambivalência como esta remete a algo mais profundo” (ADORNO, 1995c, p. 98).

A partir desta reflexão Adorniana, infere-se que, onde deveria existir maiores investimentos à formação do professor, neste caso, na educação básica, é onde se observa os maiores abusos e descaso à formação daqueles que estão sendo instruídos nas primeiras letras, quando se observa a formação do professor.

Assim, o professor em vários contextos sociais tem sua história de subversão que o atrela às mazelas de sua formação e a processos de retrocessos que obstam sua capacidade para ensinar. Como exalta Adorno, ao referir-se ao ódio que o professor herda nas muitas concepções de sua origem como professor.

O professor é o herdeiro do monge; depois que este perde a maior parte de suas funções, o ódio ou a ambiguidade que caracterizava o ofício do monge é transferido para o professor. A ambivalência frente aos homens estudados é arcaica (ADORNO, 1995c, p. 102).

Dessa forma, o professor, com estigmas à sua carreira, terá barreiras a transpor, seu trabalho será prejudicado, será sempre vítima do sistema que

o legisla e orienta para fins de controle e semiformação.

Por sua vez, os juízes e funcionários administrativos têm algum poder real delegado, enquanto a opinião pública não leva a sério o poder dos professores, por ser um poder sobre sujeitos civis não totalmente plenos, as crianças. O poder do professor é execrado porque só parodia o poder verdadeiro, que é admirado. (ADORNO, 1995c, p. 102).

Nessa direção, a história da formação de professores expõe que, desde os primórdios de nossa educação, o olhar para o professor foi de pouco caso. Tanuri (2000, p. 63), discorrendo sobre a história da formação docente no Brasil, mostra que “[...] pouco resultou das providências do governo central referente ao ensino de primeiras letras e preparo de seus docentes de conformidade com a Lei Geral de 1827”. Ainda com Tanuri (2000), neste texto, é discutido que o governo provincial estava preocupado em ensinar as primeiras letras, observando apenas o método de instrução da época e dando importância para o aspecto prático, portanto, relegando as bases teóricas da formação do professor.

Essa base de formação soma-se às outras, como a instituição da escola normal também na era provincial, onde a iniciativa dela foi articulada com o contexto nacional e com as contradições internas da sociedade, coincidindo com a hegemonia do grupo conservador e resultando nas ações por ele desenvolvidas para consolidar sua supremacia e impor seu projeto político (TANURI, 2000).

Dessa maneira, a prática do professor vinha sempre se articulando com projetos pouco consistentes à sua formação e

NA EDUCAÇÃO BÁSICA É ONDE SE OBSERVA OS MAIORES ABUSOS E DESCASO À FORMAÇÃO DAQUELES QUE ESTÃO SENDO INSTRUÍDOS NAS PRIMEIRAS LETRAS, QUANDO SE OBSERVA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

os interesses políticos se sobressaíam em detrimento dessa. A escola normal não conseguiu formar o professor, como observa Tanuri (2000, p. 35):

O mais grave é que as falhas na política de formação se faziam acompanhar de ausência de ações governamentais adequadas pertinentes à carreira e à remuneração do professor, o que acabava por se refletir na desvalorização social da profissão docente, com consequências drásticas para a qualidade do ensino em todos os níveis.

A construção da formação do professor, ao longo dos anos, revelou vários contrastes: primeiro, ele assume a figura de um mestre dominador, responsável por transmitir um saber que possuía, mas que não produzia (THERRIEN, S/D, p. 222). Esses resquícios advêm da formação religiosa, que inaugurou as primeiras práticas docentes no país. Aproximando-se do século 20, a formação se vê atrelada aos movimentos da Escola Nova¹, que defendia que o pro-

¹ O movimento educacional conhecido como Escola Nova surgiu para propor novos caminhos a uma educação que a muitos parecia em descompasso com o mundo das ciências e das tecnologias. SANTOS, Irene; PRESTES, Reulcinéia Isabel; VALE, Antônio. BRASIL, 1930–1961: **Escola Nova, LDB e disputa entre escola pública**

fessor deveria ter uma cultura mais geral para atender as necessidades dos alunos (THERRIEN, S/D). A partir de 1970, a formação docente teve os conhecimentos fragmentados, visto que a atividade deveria servir para atender ao cotidiano das empresas e das indústrias (THERRIEN, S/D).

Esse rápido olhar sobre a formação do professor nos leva a compreender como esse legado influencia a realidade educacional atual e a entender que esse formato é resultado de um sistema que não conseguiu ajustar-se a um projeto político de formação do professor, com vistas a capacitar o professor para exercer a sua profissão a contento.

PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Avançando nesta discussão, é importante situar também o professor da Educação Inclusiva, visto que a atuação do professor junto aos alunos com deficiência requer uma formação específica e diferenciada para o atendimento deles, nas salas regulares.

A educação inclusiva demanda uma série de procedimentos e atitudes que são necessários ao atendimento dos alunos com deficiência. O professor inserido nesse contexto está direta e indiretamente responsabilizado para corresponder às demandas da inclusão escolar.

O professor da Educação Inclusiva tem uma história de formação desafiadora, e muitos foram (e continuam sendo) os entraves para colocar esse profissional em condição de atender os alunos com deficiência presentes nas salas inclusivas.

Como este trabalho trata da formação do professor para atender alunos com deficiência no ensino comum, a reflexão será para o professor inserido nesse contexto. Neste sentido, ao professor da educação inclusiva é exigido conhecimentos específicos para atuar com seus alunos incluídos, em geral, esse conhecimento se dá na prática com os alunos, devido à ausência dessas informações na formação inicial.

Nessa direção, Garcia (2013, p. 12) comenta o percurso direcionado pela política ao professor da Educação Especial.

No final dos anos de 1960 e início dos 1970, a Educação Especial passa então a integrar os cursos de pedagogia, com a criação das habilitações em áreas específicas de deficiência. Contudo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n. 9.394/1996 (Brasil, 1996), reiterou a possibilidade de os professores de Educação Especial serem formados também nos cursos de magistério de nível médio.

Assim, a formação do professor para atuar na Educação Inclusiva vem ganhando articulação com a formação superior nas universidades, para prepará-los a atenderem os alunos com deficiência. Vale ressaltar que, no país, apenas duas universidades têm cursos de Licenciatura para formação em Educação Especial, e estão localizadas no Sul e sudeste do Brasil.

Os professores, nesse cenário, devem assumir novas competências em virtude da complexificação da sociedade, encontrada na demanda de adequação às novas tecnologias, às novas estratégias pedagógicas, às novas linguagens, para ajuste à educação de qualidade. Esses pressupostos, que são típicos da sociedade dita *do conhecimento*, camuflam a realidade que precisa ser enfrentada para incluir estudantes com deficiência e ditam outra lógica, que é a do mercado, com os mínimos recursos para a educação, como observa Freitas (2007, p. 1212).

A necessidade de expansão da escolarização, o reduzido investimento público na





educação e a impossibilidade do Estado – mínimo – prover os recursos necessários que garantam a expansão massiva da educação superior pública – universitária, presencial – e a formação de qualidade elevada para todos os professores alteram significativamente o caráter da formação em nosso país.

Vê-se que os processos formativos envolvendo a capacitação do professor não estão atrelados a um projeto político do Estado, que vê na formação do professor um investimento indispensável à consecução de uma boa educação, isto porque a sociedade de cultura capitalista não está preocupada com o ser humano, mas, sim, com o que pode trazer lucro, como é o caso das formações oferecidas pelo setor privado que tem, no aligeiramento de suas capacitações, o lucro de sua mercadoria. Freitas (2007, p. 1214), fazendo essa análise das formações em nosso país, considera o seguinte:

As iniciativas atuais de massificação, por intermédio da UAB, cumprem as metas estatísticas e conformam os professores a uma concep-

ção de caráter subordinado, meramente instrumental, em contraposição à concepção de educador de caráter sócio histórico, dos professores como profissionais da educação, intelectuais essenciais para a construção de um projeto social emancipador que ofereça novas possibilidades à educação da infância e da juventude.

Como se observa, os professores estão imersos em uma cultura de formação de professor voltada para uma educação que reproduz o modelo de uma sociedade que não está preocupada em formar para a emancipação, como defende Adorno (2002), mas para a dominação, conforme defendida aqui, pois o Estado, que deveria qualificar seus professores adequadamente, efetua o papel inverso, de regulação da atividade docente. Como observa Freitas (2007, p. 1.213):

Uma das características essenciais no quadro que se desenha a partir da redefinição do papel do Estado, originário das mudanças ocorridas no âmbito do capitalismo, é a necessidade de regulação, que adquire caráter central

no campo da educação e da formação de professores.

A educação, no contexto do estado regulador, que dita as regras do que deve ser feito e não dar oportunidades para uma educação centrada no sujeito, conseqüentemente vai reproduzir a barbárie, a alienação de seus cidadãos. Quando se pensa nas pessoas com deficiência, que dependem de uma educação que os projete para a autonomia, o foco do descaso a essas pessoas, nessa realidade cultural, tende a aumentar e, dessa forma, a continuação de Auschwitz² parece ser uma realidade presente. “É preciso escapar das armadilhas de um enfoque “subjetivista” da subjetividade na sociedade capitalista burguesa” (ADORNO, 2002, p. 16).

Quando o autor supracitado traz à baila as armadilhas da subjetividade na sociedade de cultura capitalista, é importante que se reflita sobre a educação que estamos reproduzindo, entretanto, perceber se, obje-

² Expressão usada por Adorno (1995): “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede qualquer outra que creio não ser possível, nem necessário justificá-la”.

tivamente, não se tem clareza acerca do que se pretende e aonde se quer chegar. Sendo assim, torna-se mais fácil a dominação pelos poderes constituídos e, conseqüentemente, pelos sistemas de ensino.

A forma adotada pelos sistemas de ensino, desde 2000, para a formação superior dos professores em exercício na educação básica, responde, como indicamos à recomendação dos organismos internacionais para a formação de professores, como forma de atender massivamente à demanda emergente por formação, com custos reduzidos (FREITAS, 2007, p. 1217).

Os professores, nesse contexto, têm a sua formação esvaziada, com lacunas que irão dificultar sua atuação pedagógica junto a seus alunos, ocasionando defasagens na aprendizagem dos discentes incluídos, pelo fato da formação pretendida continuar imersa no financiamento dos órgãos reguladores, que ditam os destinos da educação nacional – como a CAPES que, com o FNDE e o INEP, na avaliação da educação básica, compõem o tripé das agências reguladoras no campo da educação (FREITAS, 2007, p. 1.115).

Fazer frente às armadilhas da formação de professor seria o ideal de uma educação para a construção de um projeto político que vê no professor o agente de transformação social. Contudo, esse projeto deveria ser o da sociedade que, ao decidir lutar, pudesse ver nessa luta o caminho para mudar o que está posto pela cultura reguladora.

A configuração da formação de professores em nosso país respondeu ao modelo de expansão do ensino superior implementado na década de

1990, no âmbito das reformas do Estado e subordinado às recomendações dos organismos internacionais. O que estamos vivenciando é o embate entre as demandas das entidades e dos movimentos e as ações do governo em continuidade às políticas neoliberais do período anterior, e uma enorme retração na participação dos movimentos na definição da política educacional (FREITAS, 2007, p. 1.116).

Nesse cenário de embates, as forças que devem vencer o que está posto nas contradições formativas do professor é a luta consciente de todos contra isso, pois é no conjunto da sociedade que se concretiza a vitória. Neste sentido, os movimentos sociais precisam ganhar força para livrar muitos da barbárie que a educação, muitas vezes, lega. “Mas não se deve esquecer que a chave da transformação decisiva reside na sociedade e em sua relação com a escola. Contudo, neste plano, a escola não é apenas objeto” (ADORNO, 2002, p. 115).

Diante do exposto, sobre formação de professores e educação inclusiva, espera-se que atitudes em direção à formação de professores sejam refletidas para que cenários de exclusão educacional de pessoas com deficiências, por causa do despreparo de professores, em nossa realidade social cristã mormente, sejam com o tempo eliminados de nossa conjuntura educacional. Que o Senhor nos capacite para darmos o nosso melhor para o reino de Deus.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____. **Indústria cultural esociedade**. O iluminismo como mistificação das massas. Traduzido por Juba Elisabeth Levy. 5. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CUTRIM, Diná Freire. **Inclusão de estudantes deficientes no contexto da formação docente**. São Luís, 2020. 138 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. **A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada**. Educação & Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1203-1230, out. 2007. Disponível em: www.cedes.unicamp.br

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. **Política de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva e a formação docente no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. v. 18, n. 52, Jan. 2013.

TANURI, Leonor Maria. **História da formação de professores**. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: ANPED, nº, 14, mai/jun/jul/ago, 2000.

THERRIEN, Jacques. Experiência profissional e saber docente: a formação dos professores questionada. In: **Formação dos Professores e contextos sociais**. Tardiff, Maurice et al. Porto/PT: RÉS Editora Ltda (sem indicação de data).

Diná Freire Cutrim

Membro da Igreja Batista Getsêmane – São Luís, MA. Graduada em Educação Religiosa – Seminário Teológico Batista Equatorial em Belém, PA. Graduada em Letras–Inglês. Pós-graduada em Educação Especial – UFMA. Mestranda em Educação do Curso de Mestrado em Educação – UFMA. Educadora Cristã da Igreja. Professora da EBD. Palestrante.



Celebrando a glória do reino de Deus

“Os reinos do mundo vieram a ser de nosso SENHOR e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre” – Apocalipse 11.15b

Ao longo desses 27 anos de ministério tenho me preocupado em espalhar a mensagem de que Jesus é o único caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6) buscando fixar na mente e corações de jovens, crianças, adolescentes e adultos essa verdade. No final de 2018 Deus começou a falar ao meu coração que a mensagem de salvação tem sido amplamente anunciada por meio de programas de TV, Internet e evangelismo e que muitas igrejas, que mantêm a Bíblia como regra de fé e prática, continuam trabalhando. Mas é necessário mudar o

FOCO e anunciar que além de Salvador Jesus virá, não mais como o Messias amoroso que por onde passou fez sinais e maravilhas (At 2.22).

É tempo de anunciar que a vinda de Jesus será completamente diferente e que ela será

**ATÉ DENTRO DE
NOSSAS IGREJAS ESSE
ENSINO PRECISA
SER RETOMADO COM
URGÊNCIA, VISTO QUE
HÁ UMA FROUXIDÃO
ESPIRITUAL
ASSUSTADORA
E PERIGOSA
AMORTECENDO
A VIDA CRISTÃ**

uma bênção para todos os que creem nele e se mantiverem fiéis aguardando com esperança o cumprimento dessa promessa como, também, será um momento único e o pior para aqueles que não o aceitaram como Senhor de suas vidas, pois agora serão julgados pelas escolhas que fizeram. Desse tempo para cá meu “discurso” mudou, por acreditar que, infelizmente, muitos se acostumaram com a mensagem redentora e ficam adormecidos ou mesmo descrentes de que a vinda de Cristo se dará e será um tempo de juízo e não mais de oportunidades. Até dentro de nossas igrejas esse ensino precisa ser retomado com urgência, visto que há uma “frouxidão” espiritual

assustadora e perigosa amortece a vida cristã.

Ao ver que o Espírito Santo está trabalhando para trazer à memória aquilo que nos dá esperança, como nos dando a oportunidade de alertar para o “evangelho raso” anunciado, em que tudo precisa ser de acordo com a vontade do ser humano e para seu bem-estar, eu me regozijo. O texto de Apocalipse apresenta o desfecho de um reino que vem sendo estabelecido e combatido ferozmente ao longo da existência do homem.

Ao ler Apocalipse 11.15b faço minhas as palavras de Cynthia Heald (Bíblia Mulher de Fé): “*Vejo que boas palavras para nós, não seremos vencidos pelas calamidades do mundo nem focaremos apenas no presente, mas manteremos firmes a esperança de que o melhor está por vir*”.

O livro de Apocalipse desenvolve um enredo cíclico em que a mensagem de Deus como soberano cósmico dirigindo o mundo para o cumprimento de

seus propósitos, mostra uma relação intertextual com o Antigo Testamento, especialmente com o Gênesis (Deus criando, dominando e o relacionamento pleno com o homem, até que o mesmo quebra isso pela desobediência), onde tem início a gloriosa promessa de que isso tudo será reconstituído (Gn 3.10-15).

É preciso entender que, ao contrário da ideia estabelecida que a palavra *apocalipse* está ligada a mistério e destruição, seu significado no original é revelar, descobrir, revelar o Deus de Israel e, acima de tudo, o Deus de toda a história. A cena de Apocalipse mostra-nos a “igreja” sendo questionada, muitas vezes por seus próprios membros, por uma sociedade cada vez mais arredia à ideia de arrependimento, mudança de vida, santificação bem como acontecimentos globais assustadores, isso tudo faz com que essas cenas alimentem as visões da nossa realidade.

Apocalipse 11.15b mostra que a porta da graça de Cris-

NA BÍBLIA, TUDO O QUE FOI PROMETIDO SE CUMPRIU E, DESSA VEZ, NÃO SERÁ DIFERENTE

to será fechada e ele assumirá o controle total do mundo. A cena dos céus anunciando – o mundo inteiro está sob um único governo, o poderoso governo de Cristo¹ – nos traz o alerta de que ao tocar a sétima trombeta teremos não mais a destruição, mortes e guerras anunciadas pelas outras trombetas, somente a vitória como outros servos profetas já haviam anunciado.

Percebo o envolvimento entusiasmado de grande parte do povo de Deus com projetos que lhes prometem recursos financeiros, viagens internacionais e perspectivas de grande sucesso, por muitas vezes penso se tudo isso também fosse aplicado pela Noiva de Cristo para anunciar que Jesus virá e não se enganem pois não haverá mais tempo pa-



ra arrependimento e perdão, a vinda será uma bênção para os que creem e um horror eterno para aqueles que rejeitaram a mensagem até então anunciada. Ah! Se toda essa “euforia” energia e convicção fosse aplicada para anunciar o que Daniel 7.13,14; 8.15-17 nos alerta!

Vejo toda empolgação com métodos de crescimento, métodos para angariar fundos, para melhorar a qualidade do corpo de Cristo e dos templos, por muitas vezes pergunto onde o evangelho está colaborando para que crianças jovens e adultos firmem suas raízes para permanecer firmes na fé? Com o anúncio que o reino de Deus está próximo, recebemos um resumo pitoresco (v. 18) dos acontecimentos que vão se suceder:

- 1) Nações estão iradas; isto é, haverá uma tentativa de agressão contra Cristo e os seus;
- 2) A ira de Deus está para se desencadear;
- 3) Os mortos serão julgados;
- 4) Os crentes, aqui, se dividem em três grupos – os profetas, os santos e os que temem o seu nome – e serão recompensados;
- 5) Os destruidores estão para serem destruídos. A partir disso pode-se concluir, com certeza, que conforme se aproxima o tempo de Cristo assumir sua autoridade real sobre esta terra, o ódio das nações da terra contra o povo de Deus vai se intensificar e a oposição ao evangelho vai aumentar.

Na Bíblia, tudo o que foi prometido se cumpriu e, dessa vez, não será diferente. Alegro-me por nós, batistas, retomarmos o anúncio da vinda de Jesus e o restabelecimento completo

do reino dos céus em Cristo soberano, dessa forma podemos despertar e entender como é maravilhoso estar na posição favorável de céu. Celebrar a glória do reino de Deus é retomar a mensagem que:

- 1) Jesus é Rei e precisa ser Rei em todos aspectos da minha vida;
- 2) Seu reino está em duas dimensões céu e terra e, crendo nisso, investir mais do meu tempo, esforço e dinheiro nesse reino eterno e não nos “reinos” terrenos;
- 3) O reino de Jesus é gradual e constante até o seu domínio ser total, então, tudo pode ser parte do serviço desse reino nesse mundo;
- 4) Nós somos cidadãos dos céus, filhos desse reino, como tal preciso preparar as gerações para entenderem esse contexto e trazê-los para uma esperança eterna, diminuindo o número de depressão, suicídios, sofrimentos e desobediência;
- 5) Temos propriedade e autoridade desse reino tanto como indivíduos e como igrejas, isso produz a ousadia e firmeza de anunciar o reino que há de vir, e o domínio de Jesus sobre toda a terra será estabelecido.

O tempo está esgotando. Todos os anjos do céu olham atentamente para cada ser humano no desejo que seus corações se rendam à graça maravilhosa de Jesus. Cada trombeta tocada ao longo dos séculos foram advertências divinas para produzir arrependimento e salvação.

Aqueles que não atentarem para o toque das trombetas sofrerão os juízos de Deus, sem misericórdia, no derramar das sete últimas pragas. É uma

O TEMPO ESTÁ ESGOTANDO. TODOS OS ANJOS DO CÉU OLHAM ATENTAMENTE PARA CADA SER HUMANO NO DESEJO QUE SEUS CORAÇÕES SE RENDAM À GRAÇA MARAVILHOSA DE JESUS

questão de escolha. De que lado você ficará?

É o derradeiro momento, é o grito, é o apelo final. E ele começa por dizer: “*O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve nos céus grandes vozes*” é o triunfo de Cristo! As grandes vozes disseram: “*O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e de seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos*”.

Nosso papel é proclamar nos púlpitos, EBD e demais meios de ensino, onde serão essas bodas (Mt 8.11) e quem participará dela (Lc 12.35-37).

Até lá clamo misericórdia Senhor “*aí de mim! Pois sou mulher de lábios impuros [...]*” (Is 6.5), ajuda-me a guardar com esperança e fidelidade a certeza de que Deus nunca comete erros, portanto, Apocalipse 10.5-7 me ensina que “*não haverá demora*” e Apocalipse 13.9 me instrui: ainda é tempo de OUVIR, a nós, educadores, cabe anunciar: “*Maranata, ora vem Senhor Jesus*”.

**1. Comentário Bíblico Moody*

Vânia Regina Paiva Bastos

Membro da Igreja Batista Nova Aliança em Campo Grande, MS. Ministra de educação cristã, turma de 1992 – Seminário Teológico Batista em Campo Grande, MS.



O mundo tem fome de graça

Fomos resgatados de uma existência vazia, perdida e sem sentido para uma esfera onde há vida transbordante. Essa nova realidade fez de nós depósito de graça a fim de que sejamos resposta a tudo que o mundo precisa.

À medida que vamos nos permitindo e, conforme a nossa busca se intensifica, somos usados como canal dessa dádiva para abençoar os que encontramos em nosso caminho para, então, revelar o caminho de luz.

O apóstolo João, em sua segunda epístola, no capítulo 1, versículo 3, saúda a igreja local com as seguintes palavras: “*A graça, a misericórdia e a paz, da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, o Filho do Pai, serão conosco em verdade e amor*”. O cenário religioso e cultural daquela época era um pouco confuso devido às diversas “versões” que

surgiam de uma nova fé, trazendo informações duvidosas sobre a encarnação de Jesus (gnosticismo) e sobre a graça. Os apóstolos do primeiro século insistiam em dar esse suporte às igrejas para preservar a veracidade dos ensinamentos de Jesus já que uma doutrina libertina ganhou força com a má interpretação da graça divina. A influência platônica, muito enraizada no povo, também dificultava o entendimento sobre o ensinamento dos

apóstolos, por isso se fazia tão importante enfatizar o evangelho de Cristo para que a verdade de Cristo e o seu amor não se extinguíssem do meio dos irmãos.

Mas, por que João escreveu esta carta? Porque já naquele tempo era possível enxergar que o mundo carecia de graça e a igreja tinha a missão de compartilhar esta dádiva aos perdidos. Para que isto ocorresse era preciso o corpo de Cristo buscar viver em verdade e amor.

Se o mundo está com fome de graça, por que estamos falando de amor? Porque a graça é o amor de Deus agindo em nós. Como assim? Situações cotidianas nos desafiam a fazer a diferença que o mundo carece. A graça quer romper em nós os padrões impostos por nossa cultura familiar, nossos medos, nossa raiz religiosa, nosso caráter. Ela quer moldar-nos ao perfil de Cristo, nosso Senhor.

A GRAÇA É CHOCANTE. ELA IMPACTA. É A GRANDE CARACTERÍSTICA DA IGREJA DE CRISTO E O MUNDO NÃO CONSEGUE IMITAR POR ELA PROVOCAR MUDANÇAS VISÍVEIS NA NOVA CRIATURA

Perguntas como: o amor de Deus pode sobreviver ao holocausto nazista? O amor de Deus pode triunfar sobre indivíduos que praticam atos cruéis como homicídios e pedofílias? Se respondemos “sim” a estas perguntas por que este amor não está movendo a metade da população brasileira que, segundo o IBGE, professa seguir uma fé protestante?

A graça é chocante. Ela impacta. É a grande característica da igreja de Cristo e o mundo não consegue imitar por ela provocar mudanças visíveis na nova criatura. Se a igreja não está apresentando esta evidência, então não está mergulhada na graça de Deus e cumprindo o seu propósito; ela apenas se contenta com gotas da graça, como costuma mencionar C. S. Lewis. Ela é uma igreja morna.

A igreja precisa descobrir que perdeu o seu sentido de existir se não distribui o que há em seu depósito, como mencionado no primeiro parágrafo deste artigo. Precisa entender

que Deus se interessa por pessoas autênticas e com o coração disponível para doar. Doar o quê? O amor que recebe dele. Não há nada de humano para doarmos; Deus quer nos usar como sua igreja para levar graça ao mundo.

Se o cristão não busca ser transformado pela graça, como chegará perto do pecador e tocá-lo com misericórdia, como Cristo fazia com frequência? Jesus tocava em leprosos, conversava com adúlteras, estava presente em ambientes onde estava proliferado de gente perdida. Jesus não ficava nas sinagogas; ele seguia pelas cidades, ia aonde tinha gente, visitava ambientes públicos de trabalho, encontrava enfermos, percorria vielas e becos.

Mozart escreveu um Réquiem (liturgia fúnebre) lindo e nós precisamos nos lembrar de uma frase que ele cita: “*Lembra-te, ó Jesus piedoso, que fui a causa da tua peregrinação*”. Essa peregrinação foi por toda humanidade e, trazendo essa consciência,

SE O CRISTÃO NÃO BUSCA SER TRANSFORMADO PELA GRAÇA, COMO CHEGARÁ PERTO DO PECADOR E TOCÁ-LO COM MISERICÓRDIA?

somos capazes de nos colocar no lugar onde precisamos para sermos sal e luz deste mundo tenebroso. Como a graça de Cristo chegou até nós devemos levá-la a tantos outros.

O mundo precisa de respostas. Precisa de cristãos que amem a verdade e se submetam às transformações que o Espírito Santo quer realizar. A graça nos faz perdoar traições, atos racistas, injustiças, maldades descabidas, autoridades corruptas, pessoas violentas. Quando dizemos “sim” para esta graça, naturalmente, nosso olhar de condenação, desprezo e arrogância para com aqueles que nos feriram é modificado por olhar de misericórdia. É viver o ensinamento de Jesus.

A graça nos desafia a viver o evangelho de verdade, na íntegra, nos desarmando de nós mesmos. O perdão é uma marca notável na vida do crente. O evangelho da graça começa e termina com o perdão, como disse Phillip Yancey. O mundo precisa desesperadamente desta graça. A igreja de Cristo é a resposta.

**Kelly de Almeida Fernandes
Sodré da Silva**

Membro da IB Méier no RJ. Educadora pelo STB Niterói. Teóloga pela UMESP. Professora da classe dos adolescentes. Facilitadora de Pequeno Grupo Multiplicador. Voluntária nos Projetos Missão Radical e Missão Radical Teen. Consultora de novos negócios. kaf_logos@hotmail.com

